



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
CURSO DE MEDICINA

Julio Maximiano Nascimento Coimbra Gonzaga

**INTERNAÇÕES POR OBESIDADE NA BAHIA E A PANDEMIA: UM ESTUDO
EPIDEMIOLÓGICO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SALVADOR - BA

2023

Julio Maximiano Nascimento Coimbra Gonzaga

**INTERNAÇÕES POR OBESIDADE NA BAHIA E A PANDEMIA: UM ESTUDO
EPIDEMIOLÓGICO**

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito parcial para aprovação no componente Metodologia da Pesquisa 2 (MP2).

Orientador(a): Silvio Roberto Medina Lopes

SALVADOR

2023

SUMÁRIO

1	RESUMO	1
2	INTRODUÇÃO.....	1
3	OBJETIVOS.....	4
	3.1 Principal:	4
	3.2 Secundários:	4
4	REVISÃO DE LITERATURA.....	4
5	METODOLOGIA	7
6	RESULTADOS.....	7
7	DISCUSSÃO.....	13
8	CONCLUSÃO:	15
9	REFERÊNCIAS:	16

1 RESUMO

A obesidade é uma questão de saúde global, associada a diversas complicações metabólicas, endócrinas e mecânicas. Durante a pandemia de COVID-19, a obesidade emergiu como um fator de risco para complicações graves da doença. No Brasil, a prevalência da obesidade aumentou consideravelmente nos últimos anos. Este estudo tem como objetivo traçar o perfil epidemiológico das internações por obesidade na Bahia durante a pandemia de 2020 a 2022, analisando diferenças de gênero e idade dos pacientes hospitalizados. Trata-se de um estudo observacional retrospectivo que utiliza dados secundários do Sistema de Informação sobre Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS), abrangendo janeiro de 2020 a dezembro de 2022. Os resultados revelam um aumento significativo nas internações por obesidade na Bahia durante a pandemia, atingindo o pico em 2022. As mulheres foram mais afetadas do que os homens, com a faixa etária de 30 a 49 anos sendo a mais atingida. A maioria dos casos ocorreu em pessoas pardas, seguidas por pretas, amarelas e brancas. Não foram registrados casos entre a população indígena. Esse estudo enfatiza a necessidade de políticas de saúde pública direcionadas e medidas preventivas para combater a obesidade e seus efeitos durante a pandemia de COVID-19. Além disso, ressalta a importância de pesquisas adicionais para uma compreensão mais profunda dos impactos da pandemia nas internações por obesidade, levando em consideração disparidades raciais e fatores psicossociais.

2 INTRODUÇÃO

A obesidade é um distúrbio nutricional muito comum em todo o mundo, sendo que, uma pessoa com o índice de massa corporal (IMC) igual ou maior que 30kg/m², já é classificada dentro da faixa de obesidade¹. Essa comorbidade é algo que os profissionais de saúde combatem a longa data, visto que é considerada um fator de risco para vários outros problemas de saúde devido às suas complicações metabólicas, endócrinas e mecânicas¹. Durante a pandemia, tal cenário não foi diferente, estudos mostram que, o risco de complicações e de morte por COVID-19 pode ser cerca de quatro vezes maior em pessoas com

obesidade, sendo esses pacientes mais expostos a intubação e outras complicações extrapulmonares durante essa infecção^{2,3}. Infelizmente, mesmo com todos esses riscos que esse distúrbio nutricional causa, a quantidade de pessoas afetadas por ela ainda é muito preocupante. No Brasil, dados mostram que, entre 2003 e 2019, o número de pessoas obesas entre maiores de 20 anos cresceu de maneira exponencial. Essa quantidade passou de 12,2% em 2003 para 26,8% em 2019; além disso, nesse último ano, 1 a cada 4 pessoas maiores de 18 anos apresentavam esse distúrbio nutricional, resultando em aproximadamente 41 milhões de habitantes no país⁴.

Embora já seja um consenso o fato de que a obesidade é um fator de risco para morbimortalidade da infecção pelo coronavírus², um fator muito importante a ser explorado é o impacto da pandemia do COVID sobre a prevalência desse distúrbio nutricional. Primeiramente, é necessário entender que, durante os últimos 4 anos, duas pandemias acabaram se colidindo e uma agravando a outra, sendo uma delas causada por esse vírus e a outra seria a obesidade⁵. Há muito tempo se sabe que a associação entre essa comorbidade nutricional se deve não somente a questões genéticas, mas também há uma grande influência de fatores ambientais, hábitos de vida e questões psicossociais¹. Assim, percebe-se que comportamentos sedentários, pouca disponibilidade de recursos para acesso às possíveis atividades físicas, transtornos ansiosos e início de quadro depressivos estão entre algumas das causas que podem favorecer a formação de pessoas obesas¹. Assim, os estressores da pandemia, restrições de políticas públicas, aumento da predisposição para comportamentos sedentários e maus hábitos alimentares foram alguns dos fatores presentes nesse cenário pandêmico que promovem o ganho de peso⁷.

Sendo assim, pode-se esperar que, ao longo desse período iniciado em 2020 pelo COVID-19, os casos de obesidade tenham aumentado. Embora não se saiba muito sobre os efeitos da pandemia e do distanciamento social sobre o ganho de peso em adultos, alguns estudos sobre o assunto já foram feitos. No Brasil, um estudo realizado com crianças obesas mostra que, 1 ano após o início do período pandêmico, crianças entre 7 e 18 anos apresentaram, em sua grande maioria, um ganho de peso considerável, aumentando em média 8 kg⁵. Além disso, nos EUA, onde foram estudados milhões de adolescentes, a prevalência

da obesidade aumentou de 12 para 15%, ainda, o impacto do distanciamento social nas mudanças de IMC em crianças mostrou um ganho de peso, com os maiores aumentos de em crianças que já eram mais vulneráveis a um ganho de peso não saudável e entre a faixa de idade entre 8 a 12 anos⁶.

Sabe-se também que durante a pandemia, a saúde mental e bons hábitos de vida podem ter sido deteriorados. Pensando-se nisso e analisando que entre as indicações para internação para essa comorbidade nutricional estão: pacientes que tentaram emagrecer por outras formas de tratamento ambulatorial sem sucesso, pacientes que realizaram cirurgia bariátrica, mas tiveram reganho de peso posterior e pacientes aos quais a própria cirurgia bariátrica é contraindicada, além de casos graves de compulsão alimentar⁸. A partir dessa análise, seria muito importante avaliar as alterações que o período pandêmico possa ter gerado em relação as internações obesidade na Bahia, pensando em um melhor cuidado na atenção da saúde desses pacientes. Tendo a capital do Estado como parâmetro, cerca de 15% dos homens e 19% das mulheres de Salvador apresentam obesidade⁹. Sendo assim, sabe-se que esse distúrbio nutricional é algo que causa muitos problemas para o sistema de saúde e transtornos para os pacientes. Por essa razão, devemos analisar os dados sobre o número internações por obesidade, principalmente pensando nas possíveis reverberações desse período sobre as indicações para as pessoas que possam ser submetidas a esse tipo de tratamento. Entre as indicações para internação para essa comorbidade nutricional estão: pacientes que tentaram emagrecer por outras formas de tratamento ambulatorial sem sucesso, pacientes que realizaram cirurgia bariátrica, mas tiveram reganho de peso posterior e pacientes aos quais a própria cirurgia bariátrica é contraindicada, além de casos graves de compulsão alimentar⁸. Sendo assim, aqueles estressores e mudanças na vida das pessoas durante a época do COVID já citados, podem ter causado maior predisposição para um ganho de peso que ecoou também nessas internações. Por essa razão, esse estudo irá observar possíveis alterações no número de internações por obesidade na Bahia durante a pandemia, ver se tem diferença por gênero e idade, além de comparar com os dados de todo o Brasil, a fim de tentar contribuir para avaliação de possíveis pacientes após o período pandêmico.

3 OBJETIVOS

3.1 Principal:

Traçar o perfil epidemiológico dos pacientes internados por obesidade na Bahia durante a pandemia (2020-2022).

3.2 Secundários:

Verificar a existência de diferenças por gênero e idade dos pacientes internados por obesidade durante a pandemia.

Observar as variações no número de internações por obesidade na Bahia antes e durante a pandemia (2020-2022).

4 REVISÃO DE LITERATURA

Entre os distúrbios alimentares, a obesidade é uma das mais comuns no mundo e corresponde a uma parte significativa das despesas com o sistema de saúde, principalmente nos países mais desenvolvidos¹. Uma das avaliações para classificação dessa doença nutricional é o índice de massa corporal (IMC). Pessoas com o IMC acima de 30 kg/m² são consideradas inicialmente com obesidade grau 1¹. Além disso, já é de amplo conhecimento que, esse distúrbio alimentar aumenta consideravelmente o risco de desenvolvimento de outras comorbidades como doenças cardiovasculares e diabetes mellitus e, por isso deve ser combatida pelos serviços de saúde¹. Também é importante estar ciente de que, embora fatores genéticos e biológicos tenham influência sobre essa doença, os fatores psicossociais e o estilo de vida são muito impactantes para o desenvolvimento da obesidade¹.

Problemas psicológicos, histórico de abuso emocional e físico podem trazer muitas consequências, entre elas, a obesidade, além de influenciar negativamente no tratamento desse problema de saúde¹. Além disso, pessoas com a saúde mental afetada podem ser diretamente ou indiretamente afetadas em relação a atividade física e boa alimentação⁷. Já em relação às práticas de exercícios físicos e uma nutrição saudável, é de extrema importância para o combate à obesidade. No entanto, tempo gasto com atividades secundárias

como mexer em aparelhos eletrônicos associado a redução de exercícios físicos e má alimentação, são preditores associados a obesidade e suas complicações¹. Por essa razão, também é importante avaliar o quadro da obesidade no país e sua associação com o último período pandêmico.

Uma importante reflexão sobre a obesidade, é uma possível relação dessa doença crônica com o covid-19 no Brasil. Estudo entre crianças que já apresentavam a obesidade mostram que, durante a pandemia, a maioria dos pacientes apresentaram um ganho de peso considerável, enquanto apenas 5, das mais de 60 pessoas observadas, perderam peso durante essa época⁵. Além disso, muitos estudos mostram que, além desse período pandêmico afetar crianças, esse cenário também teve um significativo impacto negativo no estilo de vida dos adultos⁵. Além disso, esses dados parecem não se aplicar apenas a população brasileira. Foi analisado que em vários países, incluindo China e Estados Unidos da América, a pandemia fez com que crianças e adultos aumentassem a ingestão de comida, a redução de exercícios físicos e o ganho de peso⁶.

O grande problema é que, essa relação entre a pandemia do coronavírus e essa doença nutricional aparenta ter uma relação direta, onde ambos se influenciam negativamente⁶. Sabe-se que a obesidade é um fator de risco para o aumento da mortalidade pela covid. Estudos mostram que, em pessoas obesas, o risco de agravos e morte por essa infecção viral pode ser cerca de 4 vezes maior se comparada aos não obesos². Isso visto que a obesidade está associada à maior necessidade de oxigênio, cuidados intensivos, ventilação mecânica invasiva, maior tempo para a extubação e mortalidade³. Ainda assim, sabendo de todo esse impacto dessa doença crônica associado ao problema causado pelo vírus, durante a pandemia, o aumento desse distúrbio nutricional parece ser mais evidente. Por essa razão deve-se também avaliar o cenário da obesidade no Brasil.

No Brasil, entre os anos de 2003 e 2019, a porcentagem de pessoas acima de 20 anos com obesidade passou de cerca de 12% para mais de 26%⁴. Além disso, atualmente, estima-se que aproximadamente 20% de toda a população brasileira é obesa⁹. Já em relação ao tratamento dessa doença crônica, ele pode ser expectante, farmacológico, cirúrgico ou até mesmo precisar de internação. Para

longo prazo, o tratamento comportamental é de extrema importância para combater a obesidade, visando que após a regularização do IMC, os pacientes tenderão a manter um bom estilo de vida¹. No entanto, além da introdução de atividades físicas e uma boa educação alimentar, alguns pacientes necessitam de tratamento farmacológico, sendo indicado para obesos com falha na terapia comportamental e que concordem em manter o tratamento conservador¹. Além disso, existe a cirurgia bariátrica, que apresentam mais resultados para pessoas com obesidade grau II e III (IMC>35) e que tenham mais agravantes¹.

Além desses tratamentos citados anteriormente, alguns pacientes ainda precisam ser submetidos a internações. Essa intervenção visa uma abordagem multidisciplinar caso haja necessidade de isolar o assistido de um ambiente que promovem condições para o adoecimento e visando uma reestruturação psicológica e física⁸. Entre as indicações para a internação, tem-se: a compulsão alimentar, pacientes que tentaram emagrecer por outras formas de tratamento ambulatorial sem sucesso, aqueles que realizaram cirurgia bariátrica, mas tiveram ganharam peso posteriormente e os pacientes em que a própria cirurgia bariátrica é contraindicada⁸. Assim, pensando nos impactos da pandemia do coronavírus sobre a saúde mental das pessoas, é de extrema importância buscar avaliar se isso pode afetar a relação de obesos que necessitam internação.

A pandemia do covid-19 causou muitas mudanças na vida da população, onde a privação de contato social e liberdade de locomoção contribuiu para aumentar os níveis de depressão e ansiedade entre as pessoas⁷. Assim, esse efeito do isolamento social não gerou consequências apenas para saúde mental do povo, mas também contribuiu para a propagação de comportamentos não saudáveis como a redução de atividade física e a má alimentação, visto que os fatores psicossociais estão muito relacionados com distúrbios alimentares⁷. Analisando esses fatores, percebe-se que, esse cenário pandêmico pode ter contribuído para o número de internações por obesidade, necessitando de uma análise sobre o assunto.

Pensando nessa relação entre esse tratamento intensivo para essa doença crônica, existe a possibilidade de que a pandemia tenha uma relação direta com essa relação. Isso porque, visando o fato de que a internação foca na remoção dos pacientes com obesidade de um ambiente que favoreça o adoecimento⁸, o

isolamento social pode ser um grande contribuinte para esse cenário. Pensando em que o período trazido pelo coronavírus trouxe estressores que promovem o “comer emocional”, a redução de atividades físicas e, assim, a promoção do ganho de peso⁸.

5 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional retrospectivo e descritivo, com coleta de dados secundários.

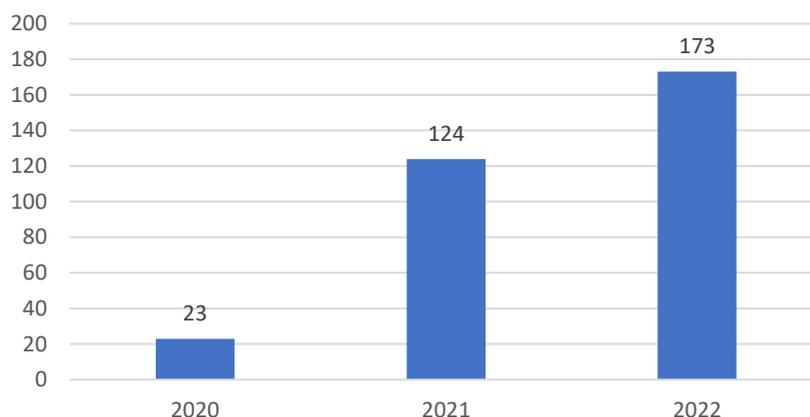
Os dados foram coletados em maio de 2023 e abrangem toda a população baiana e brasileira que foram internadas por obesidade no período de janeiro de 2020 até dezembro de 2022. Foram provenientes do Sistema de Informação sobre Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS), obtidos a partir do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A amostra da pesquisa aborda os indivíduos de acordo com a faixa etária, sexo e raça, que sofreram internações por obesidade nos hospitais do país.

Os dados foram tabulados e analisados através de estatística descritiva utilizando-se o Microsoft Office Excel. Não foi necessária aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), visto que o acesso aos dados coletados e interpretados é livre para toda a população.

6 RESULTADOS

Dos dados obtidos a partir do DataSUS, entre os anos de 2020 até 2022 (período em que a pandemia afetava todo o mundo), o número de internações por obesidade na Bahia, se apresentou de maneira crescente (Figura 1). A partir desses dados, pode-se observar que o aumento dos casos entre 2020 e 2021 foi de aproximadamente 439,13%, além de ter atingido um pico de casos em 2022.

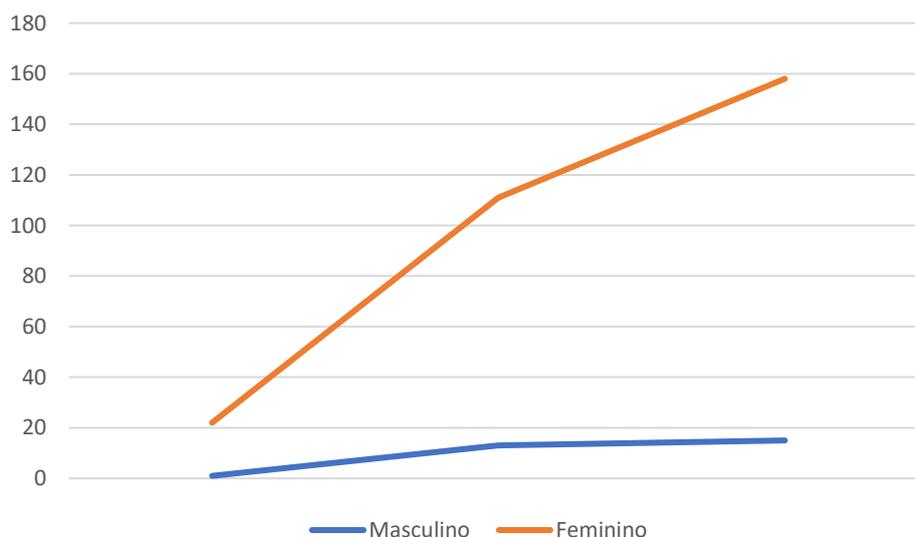
Figura 1: Número de internações por obesidade na Bahia nos anos de 2020, 2021 e 2022



Fonte: DataSUS, acesso: 05/05/2023

A incidência de internações por obesidade entre os diferentes gêneros sofre variações (Figura 2). No sexo masculino, observa-se um caso de internação em 2020, seguido por um aumento considerável para 13 casos em 2021 e 15 casos em 2022. Em contraste, o gênero feminino apresentou números muito mais expressivos, com 22 internações registradas em 2020, aumentando para 111 casos em 2021 e alcançando 158 casos ao longo desses anos.

Figura 2: Comparação da incidência de internações por obesidade na Bahia entre os gêneros masculino e feminino de 2020 a 2022

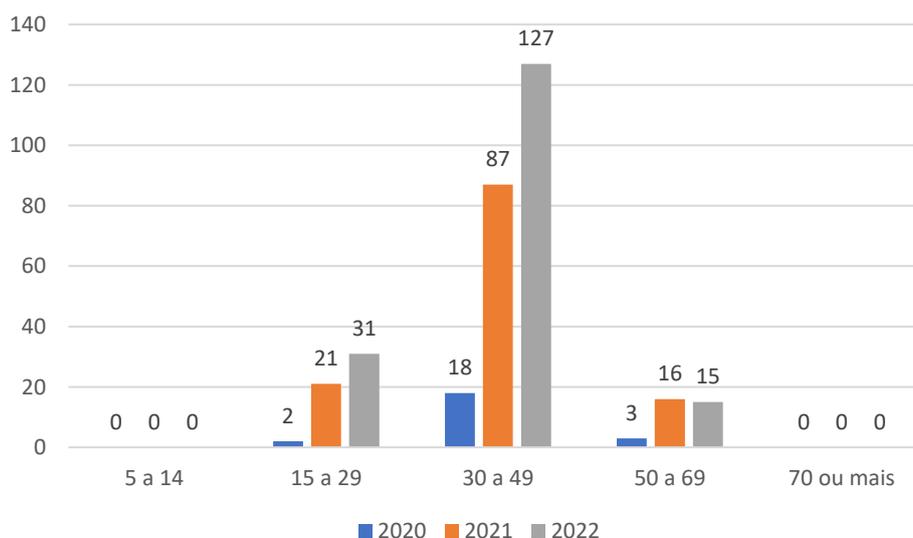


Fonte: DataSUS, acesso: 05/05/2023

Em relação à idade dos pacientes internados por obesidade, a análise dos dados revela diferentes padrões (Figura 3). Todos os casos de internação estão distribuídos entre as faixas etárias de 15 a 29 anos, 30 a 49 anos e 50 a 69 anos. Notavelmente, a maioria das internações por esse distúrbio nutricional ocorre na faixa etária de 30 a 49 anos, seguida por pacientes de 15 a 29 anos e, em menor número, aqueles com idades entre 50 e 69 anos.

Ao analisar a evolução ao longo dos anos, observa-se que em 2020, havia 18 internações na faixa etária de 30 a 49 anos, chegando ao pico de 127 internamentos em 2022. No mesmo período, as internações para pacientes de 15 a 29 anos aumentaram de 2 para 31 casos, enquanto na faixa etária de 50 a 69 anos, as internações cresceram de 3 para 15 casos.

Figura 3: Comparação da incidência de internações por obesidade na Bahia por faixa etária entre os anos de 2020 e 2022

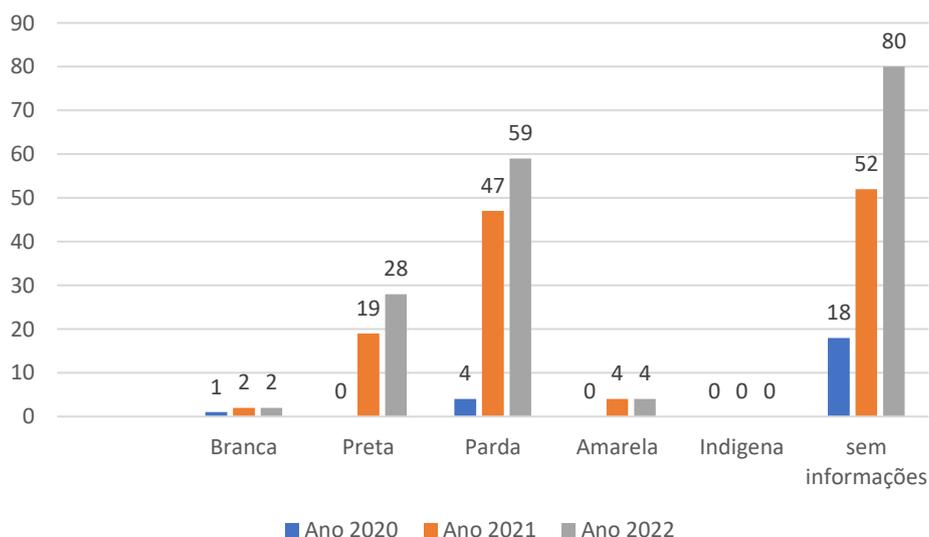


Fonte: DataSUS, acesso: 05/05/2023

Seguindo para os dados das internações por obesidade em relação a etnia dos pacientes, é perceptível que a maioria dos casos não se tem informações sobre a cor do assistido (Figura 4). No entanto, a partir dos dados onde se tem informações, observa-se que, em ordem crescente, as etnias que apresentam as maiores quantidades de internações são, respectivamente: branca, amarela, pretas e pardas; sendo que, entre os indígenas, não se tem nenhum caso nesse período (2020-2022). Para pessoas pardas, que representam a maioria dos casos, observamos um aumento nas internações ao longo do período de estudo. Em 2020, foram registradas 4 internações, número que se elevou para 47 em 2021 e atingiu 59 em 2022.

No caso dos pacientes de etnia branca, houve apenas um caso de internação em 2020, e esse número se manteve estável nos anos subsequentes, permanecendo em 2 casos. É importante destacar que, no ano de 2020, não foram registradas internações entre os pacientes de etnia amarela e preta. Entretanto, em 2021, ocorreram 4 internações para pacientes de etnia amarela e 19 para pacientes de etnia preta. Em 2022, esses números aumentaram para 4 e 28.

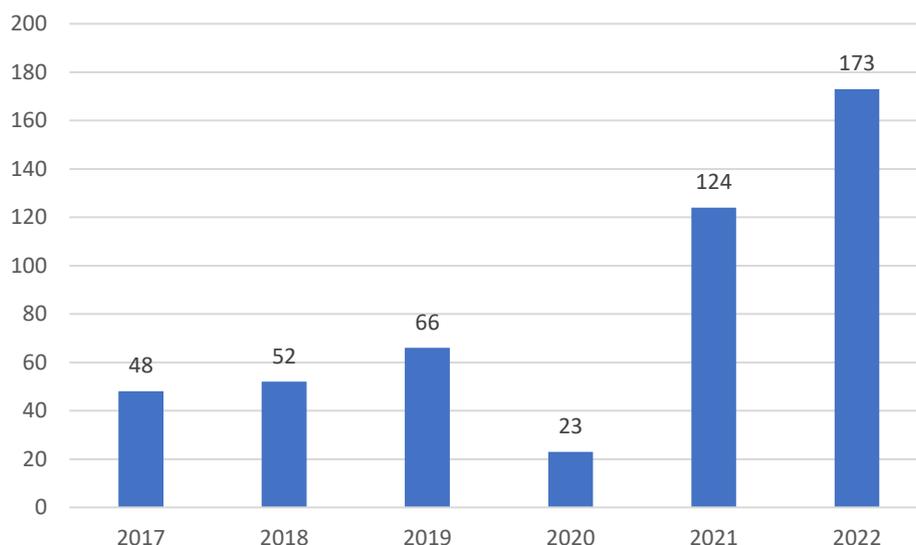
Figura 4: Comparação da incidência de internações por obesidade na Bahia por etnia entre os anos de 2020 e 2022



Fonte: DataSUS, acesso: 05/05/2023

Além desses dados, uma visualização importante da quantidade de internamentos por obesidade na Bahia seria em relação aos anos que antecederam o período pandêmico (Figura 5). De 2017 a 2019 (período pré-pandemia), o número de casos estava mostrando uma crescente, passando de 48 internação para 52 e 66 casos ao longo desses anos. No entanto, no ano de 2020 (início da pandemia), a quantidade de pessoas internadas caiu drasticamente com 23 internações nessa época, voltando a aumentar no ano seguinte. Assim, em 2021, se obteve um aumento expressivo nos casos, apresentando 124 pessoas internadas nesse ano, além de ter uma nova elevação, atingindo o pico de 173 casos em 2022.

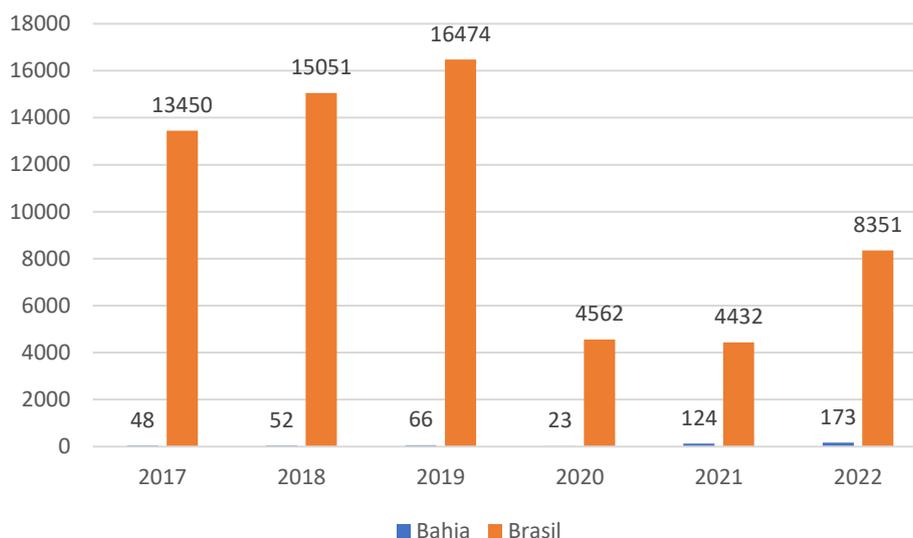
Figura 5: Número de internações por obesidade na Bahia entre os anos de 2017 e 2022



Fonte: DataSUS, acesso: 05/05/2023

Os dados referentes ao número de internações por obesidade no Brasil, no período de 2017 a 2022, são apresentados na Figura 6. Inicialmente, observamos um aumento progressivo nas internações nos anos de 2017, 2018 e 2019, com 13.450, 15.051 e 16.474 casos, respectivamente. No entanto, em 2020, quando o número de internações diminuiu, representando menos de um terço das ocorrências registradas em 2019. Essa queda continuou em 2021, com apenas 4.432 internamentos. No ano seguinte, em 2022, houve um aumento no número de internações por obesidade, chegando a 8.351 casos, marcando uma mudança em relação aos anos anteriores (Figura 6).

Figura 6: Número de internações por obesidade na Bahia e no Brasil entre os anos de 2017 e 2022



Fonte: DataSUS, acesso: 05/05/2023

7 DISCUSSÃO

A escassez de dados sobre internações por obesidade do Bahia é algo bem significativo. No entanto, ao analisar o padrão dessa intervenção das informações ao longo dos anos, pode-se avaliar alterações importantes. Do ano de 2020 até 2022, o número desses casos cresceu de maneira bem exorbitante, passando de 23 para um número de para 173 internações. Partindo desse referencial, pode-se imaginar uma relação intrínseca entre a pandemia do coronavírus e esse tipo de intervenção para essa doença nutricional.

Sendo uma das principais indicações de internação por obesidade a necessidade de intervenção psicologia para esses pacientes⁸ e sabendo que a pandemia foi um fator predatório para a saúde mental da população, pode-se correlacionar a questão do aumento desses casos de internamentos com esse cenário pandêmico. Estudos mostram que esse período trazido pelo covid-19 causou uma considerável deterioração do bem-estar psicológico das pessoas⁷, além de que, tendo as crianças e adolescentes como exemplo, pesquisas mostram que nessa época, o aumento de peso correlacionado a esse distúrbio da nutrição foi algo prevalente na maioria desses pacientes brasileiros⁵. Sendo assim, pode-se despertar um alerta que indica essa associação.

Além disso, essa crescente nos casos de internação é algo que aparentemente não se apresentava como tendência no estado. Partindo-se dos resultados checados, de 2017 a 2019, embora esses casos estivessem aumentando, não chegaram ao valor nem a metade dos expressivos valores dos anos de 2021 e 2022, além de que, em 2020, as internações apresentaram uma drástica queda nesses valores, só voltando a crescer nos anos posteriores; cenário que fortalece ainda mais a correlação entre a pandemia e esse tratamento intensivo.

Outro fator de bastante importância é entender se os dados nacionais foram condizentes com os números do estado baiano. Assim, refletindo os resultados, observa-se que os padrões de aumento e reduções foram similares aos dois. No entanto, em relação ao Brasil, embora haja uma queda e posterior crescente na pandemia, os dados desses períodos ainda foram menores dos que os anos anteriores a essa época. Assim, podendo-se fazer uma reflexão sobre duas hipóteses, sendo uma a questão de que a Bahia pode ter tido um aumento exagerado desses casos em relação ao país, ou se as informações nacionais podem estar sofrendo distorções. Isso porque, durante a pandemia, as ações de saúde foram predominantemente voltadas ao combate do vírus, o que pode causar subnotificações, além do fato de que nessa época, houve um aumento em diagnósticos tardios e atraso nos tratamentos de outras doenças crônicas¹⁰.

Visando agora a necessidade de entender o perfil epidemiológico dos pacientes baianos internados por essa comorbidade no período pandêmico, pode-se avaliar as mudanças nesses números entre os sexos masculinos e femininos. Nos resultados é extremamente perceptível que entre as mulheres, o número de internações por obesidade nesse cenário foi muito mais expressivo. Isso porque, entre os homens, mesmo o pico de internações não alcançou até mesmo o menor número de internações femininas no ano de 2020. Além disso, a crescente do gráfico de internamentos das mulheres é muito mais exponencial, sendo que de 2020 a 2022, esse número passou de menos que 50, para mais de 150 casos. Isso pode ter uma relação entre o fato de que as mulheres podem ter sido muito mais afetadas psicologicamente pela pandemia do que os homens, visto que foram as principais sobrecarregadas com trabalho home office e os deveres domésticos, além de poderem ter apresentado um aumento da compulsão alimentar em resposta ao estresse⁷.

Ainda em relação a epidemiologia, é importante se saber sobre a idade dos pacientes mais afetados nesse cenário. Avaliando os resultados, fica evidente que houve um aumento significativo nas internações por obesidade entre as faixas etárias, sendo a principal aquelas pessoas entre 30 e 49 anos. Em 2020, registramos 18 internações na faixa etária de 30 a 49 anos, passando para um pico de 127 internamentos em 2022. A segunda faixa mais afetada foram aqueles de 15 a 29 anos, aumentando de 2 para 31 casos. Isso pode dar um indicativo de que, a população que está começando ou já está bem estabelecida nas atividades de trabalho pode ter sofrido muito com o impacto da pandemia para o tratamento da obesidade na Bahia. Isso pode ser muito relacionado pelo fato de que, durante a pandemia houve uma diminuição ou perda de cargos de trabalho, estresses financeiros, além disso ter sido agravado pelo isolamento social, afetando bastante os hábitos de vida dessa população⁷.

Também temos, em relação as faixas etárias, o fato de que não tem registros sobre internamentos por obesidade entre 5 e 14 anos e em pessoas com mais de 70. O que pode ter sido gerado ainda pela questão do detrimento de outros cuidados para doenças crônicas em período pandêmico¹⁰.

Em última, porém não menos relevante análise epidemiológica, deve-se observar as variações entre as etnias, o que talvez possa evidenciar os problemas raciais do estado baiano. Embora uma parte expressiva dos internamentos não tenham informações sobre a etnia dos pacientes, observa-se que a maior parte dos casos informados são de internamentos por obesidade de pessoas pardas, seguida pela população preta, depois amarelas e brancas, não evidenciando nenhum caso entre os indígenas. Tais evidencias podem trazer algumas reflexões, visto que esses dados podem trazer apenas um retrato da população baiana, que é composta predominantemente por pardos e pretos. No entanto, em outra análise, isso também poderia mostrar alterações no impacto da pandemia para essa população da Bahia, visto que, em geral, mais de 50% das pessoas internadas por obesidade no Brasil são as brancas¹¹.

8 CONCLUSÃO:

Diante dos resultados e análises obtidos, podemos concluir que a obesidade se tornou uma preocupação crescente durante a pandemia na Bahia. Analisando-se o perfil epidemiológico das internações por obesidade na região durante esse período, se pode concluir que as mulheres foram mais afetadas, também as pessoas na faixa etária de 30 a 49 anos, e a maioria dos casos ocorreu em pessoas pardas, seguidas pela população preta, amarela e branca, sem casos registrados entre os indígenas. Além disso, houve um aumento significativo nas internações por obesidade de 2020 a 2022, possivelmente relacionado à pandemia de COVID-19, ao impacto na saúde mental e ao ganho de peso associado ao distúrbio nutricional. A Bahia apresentou números mais elevados de internações por obesidade em comparação com o restante do país, atribuído a subnotificações e atrasos nos tratamentos devido ao foco na COVID-19.

Assim, o estudo também aponta para a necessidade de mais pesquisas sobre os impactos da obesidade, considerando as disparidades raciais e os fatores psicossociais e como isso foi afetado durante a pandemia. Em suma, este estudo contribui para a compreensão do perfil epidemiológico da obesidade na Bahia durante a pandemia, destacando a importância de políticas de saúde pública direcionadas e medidas preventivas em tempos de crise como a pandemia de COVID-19, enfatizando a necessidade de monitoramento contínuo e ação para combater a obesidade e seus efeitos na saúde pública.

9 REFERÊNCIAS:

1. Goldman Lee, Schafer AI. Goldman Cecil Medicina. 26^a ed. Rio de Janeiro: GEN | Grupo Editorial Nacional S.A. Publicado pelo selo Editora Guanabara Koogan Ltda.; 2022.
2. Bolsoni-Lopes A, Furiere LB, Alonso-Vale MIC. Obesity and COVID-19: a reflection on the relationship between pandemics. Rev Gaúcha Enferm. 2021;42(spe):e20200216. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200216>
3. Silva GM da, Pesce GB, Martins DC, Carreira L, Fernandes CAM, Jacques AE. Obesidade como fator agravante da COVID-19 em adultos hospitalizados: revisão integrativa. Acta paul enferm. 2021;34:eAPE02321. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AR0232>

4. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa do IBGE mostra aumento da obesidade entre adultos. [publicado em outubro de 2020]. Acesso em 31 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/10/pesquisa-do-ibge-mostra-aumento-da-obesidade-entre-adultos>.
5. Pelicciari CR, Artioli TO, Longui CA, Monte O, Kochi C. The impact of COVID-19 in children and adolescents with obesity in Brazil. *Arch Endocrinol Metab.* 2022 Apr 28;66(2):256-260. doi: 10.20945/2359-3997000000462. Epub 2022 Apr 11. PMID: 35420268; PMCID: PMC9832900.
6. Cena H, Fiechtner L, Vincenti A, Magenes VC, De Giuseppe R, Manuelli M, et al. COVID-19 Pandemic as Risk Factors for Excessive Weight Gain in Pediatrics: The Role of Changes in Nutrition Behavior. A Narrative Review. *Nutrients.* 2021;13:4255. <https://doi.org/10.3390/nu13124255>.
7. Melamed OC, Selby P, Taylor VH. Mental Health and Obesity During the COVID-19 Pandemic. *Curr Obes Rep.* 2022 Mar;11(1):23-31. doi: 10.1007/s13679-021-00466-6. Epub 2022 Mar 7. PMID: 35254633; PMCID: PMC8899440.
8. Pereira CBA. Artigo Médico: a necessidade de tratamento da obesidade sob regime de internação. [publicação online]; Maio de 2023. Disponível em: <https://www.revistaabm.com.br/blog/a-necessidade-de-tratar-a-obesidade-no-regime-de-internacao#:~:text=A%20compuls%C3%A3o%20alimentar%2C%20por%20exemplo,assist%C3%A2ncia%20de%20psiquiatras%20e%20psic%C3%B3logos>.
9. ABESO. Mapa da Obesidade. [publicação online]; 2019 [acesso em maio de 2023]. Disponível em: <https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/>
10. Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. Covid-19 provoca impacto negativo na vida das pessoas com doenças crônicas e patologias. [Publicado em 21 de julho de 2020, 08h01]. Acesso em 01/09/2023. Disponível em <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1278-covid-19-provoca-impacto-negativo-na-vida-das-pessoas-com-doencas-cronicas-e-patologias>.
11. Teixeira Teles Gonçalves J, Vieira KH, Teles Gonçalves C, Seixas MC, Ferreira Santana R, Ribeiro Borges MA, Andrade de Prince K. Perfil sociodemográfico, internações e óbitos por obesidade nas regiões brasileiras. *hu rev.* 3º de julho de 2023 [citado 7º de setembro de 2023];49:1-9. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/40428>